



REFLEXÕES LEXICOLÓGICAS, LEXICOGRÁFICAS E TERMINOLÓGICAS: O PAPEL DA PARASSINONÍMIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DO LÉXICO, NA LÍNGUA COMUM E NAS LINGUAGENS DE ESPECIALIDADE (LEXICOLOGICAL, LEXICOGRAPHICAL AND TERMINOLOGICAL REFLECTIONS: THE FUNCTION OF PARASINONYM IN THE PROCESS OF TEACHING/LEARNING OF LEXICON, IN THE USUAL LANGUAGE AND IN THE LANGUAGES OF SPECIALITIES)

Maria Aparecida BARBOSA (Universidade de São Paulo)  
Jeni Silva TURAZZA (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)  
Antonieta LAFACE (Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis)  
Maria Luisa ORTIZ ÁLVAREZ (Universidad de La Habana/UNICAMP)  
Guiomar Fanganiello CALÇADA (Universidade de São Paulo)

**ABSTRACT:** *This paper analyses the structures and functions of parasinonyms in everyday language and in technical languages within the levees of the system, the norm(s) and the speech, giving emphasis to the important role that meaning relationship plays in the teaching and learning processes of lexical elements.*

**KEYWORDS:** *Everyday Language; Parasinonyms; Teaching Lexical elements; Technical Languages.*

## 0. Introdução

Uma das questões mais relevantes, no âmbito da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia, enquanto ciências básicas e aplicadas, é a que se refere à configuração conceitual e funcional da sinonímia, da parassinonímia, da co-hiponímia, seu tratamento na obra dicionarística e sua função pedagógica. Nessa perspectiva, foram examinados, neste trabalho, os seguintes aspectos: a) estruturas, funções e variabilidade da parassinonímia; b) a parassinonímia no sistema, em universos de discurso, em discursos manifestados. Decorrências pedagógicas.

### 1. Estruturas, funções e variabilidade da parassinonímia

Do mesmo modo que os campos conceituais apresentam diferentes estruturas, os campos lexicais compreendem tipos diversos, segundo a natureza dos elementos neles contidos. Assim, há *campos lexicais unidimensionais*, que contêm um conjunto de unidades lexicais, de modo a configurar uma *gradação*, como, por exemplo, *gelado, frio, morno, quente*, etc.; há *campos lexicais bi e pluridimensionais*, que contêm elementos que mantêm apenas uma relação semântica e/ou sintática com *intersecção sêmica*. No segundo tipo, enquadram-se os campos lexicais de *sinônimos*,



de *parassinônimos* e de *co-hipônimos* próximos e distantes, com diferenças estruturais e relacionais expressivas.

Dessa maneira, consideram-se *sinônimos* apenas os elementos de um campo lexical que têm a *mesma referência cognitiva e conotativa* e, ainda, a *mesma distribuição*, isto é, que sejam comutáveis em todos os contextos; consideram-se *parassinônimos* as unidades lexicais de um campo que tenham a *mesma referência cognitiva* mas com *referências conotativas diferentes*, apresentando, além disso, *quase a mesma distribuição*; consideram-se *co-hipônimos*, as unidades lexicais de um campo que tenham *referências cognitivas e conotativas distintas, não tenham a mesma distribuição e sejam dependentes de um hiperônimo mediato ou imediato*.

Dessas relações, focalizamos, aqui, apenas a da parassinonímia, que, por sua vez, compreende, dentre outros, os seguintes tipos: parassinônimos parafrásticos culturais; parassinônimos diacrônicos, diatópicos, diastráticos, diafásicos; parassinônimos pragmáticos; parassinônimos técnico-científicos e seus correspondentes banais. Com efeito, em todos esses casos, verifica-se entre as formas lexicais relacionadas a existência de um mesmo suporte referencial cognitivo e a evidente diferença de referencialidade conotativa de cada uma dessas formas. Conseqüentemente, não há entre elas uma homossemia total e, sim, parcial, o que inviabiliza o uso de uma pela outra, sem que isso gere alteração de sentido. Logo, essas formas, como dissemos acima, não têm a mesma distribuição, ou seja, não são comutáveis entre si, em todos os contextos.

Por outro lado, é preciso ressaltar que a parassinonímia não tem um valor absoluto, já que todo valor é relativo, relacional. Assim, a intersecção semântica entre duas ou mais unidades lexicais não lhes confere *a priori* o estatuto de parassinônimos, uma vez que esse estatuto é determinado por fatores diversos. Isso nos autoriza a afirmar que a relação de significação de parassinonímia é uma *função* (Barbosa, 1996), no sentido Hjelmsleviano do termo, uma relação de dependência. Desse modo, a rede de relações da parassinonímia é reformulada e reestruturada em função do universo de discurso, da situação de enunciação, do contexto lingüístico e sociocultural. O mesmo vocábulo/termo remete a *conceptus* e a *designata* diversos, reorganizados os campos lexicais, entrando em *redes conceptuais* diferentes, em redes de remissivas distintas, nas obras dicionarísticas (Barbosa, 1999).

A título de ilustração, vejamos o vocábulo/termo *mestre*, que, como todas as outras unidades lexicais, participa simultaneamente de vários microssistemas conceptuais e seus correspondentes campos léxico-semânticos. Assim, se o analisamos no campo lexical ao qual subjaz o *conceptus* <<filho de Deus>>, *Mestre* entra em rede parassinonímica com *Senhor, Pai, Ele, Redentor da Humanidade, Salvador*; examinando-o, porém, no campo lexical correspondente ao *conceptus* <<níveis de títulos acadêmicos>>, *Mestre* entra em rede de co-hiponímia com *Doutor, Livre-docente, Titular*; no campo lexical ao qual subjaz o *conceptus* <<modelo a ser seguido>>, liga-se a *guia, paradigma, líder, modelo*; no campo lexical correspondente ao *conceptus* <<aquele que ensina>>, relaciona-se a *professor, docente, instrutor*; no campo lexical ao qual subjaz o *conceptus* <<guia espiritual>>, entra em rede lexical com *mentor, guia espiritual, guru*, etc.



Constatam-se a relatividade e gradação dos tipos de relações que as unidades lexicais podem contrair: a) no sistema, nas normas, nos discursos-manifestados; b) numa perspectiva intra ou inter-universo de discurso; c) em microsistemas definidos por paradigmas sintáticos e semânticos diversos.

Por conseguinte, sinonímia e parassinonímia não são, como dissemos, estatutos inerentes à rede de relações entre unidades lexicais mas *funções*. Sua classificação depende da rede conceptual e lexical em que estiverem inseridas, dos universos de discurso, situações de discurso, situações de enunciação. Daí decorre o princípio da existência de uma variação de rede de remissivas, determinada pela *natureza e funções* dos diferentes tipos de dicionários.

2. A parassinonímia no sistema, em universos de discurso, em discursos manifestados.  
Decorrências pedagógicas

2.1. Parassinonímia - fonte de interação cultural e discursiva

No universo da “globalização” da linguagem, os fatos históricos do “*Brasil Quinhentos Anos*” avivaram-se. Da alegoria carnavalesca aos andores das procissões religiosas, Cabral aparece como o “*herói do descobrimento*”, presente em cada manifestação popular, em cada realidade de mundo. De herói em herói, cruzam-se os caminhos intrincados da “história sagrada” com a “mulata do carnaval”, numa mistura de épocas, de lugares, de história. E as comemorações continuaram no protesto do “povo indígena”, nas reivindicações dos “sem terra”, nas manifestações dos segmentos sociais, em que “*descobrimento*” compreende “*achamento*”, “*invenção*”, “*conquista*”, “*redescobrimento*”.

Falar em sinonímia, nesse contexto, é dizer uma linguagem que começa no plano do significado, é saber as situações do uso da língua, é criar relações de sentido, mais do que uma simples relação de unidades lexicais que, tradicionalmente, estariam sendo intercambiáveis em todos os contextos.

Assim é que “*conquista*”, na história do “*Brasil Quinhentos*”, traduz-se por “*descobrimento*”, define-se por “*vencer, cativar, ganhar, dominar...* (Houaiss, 1995)”, abre-se em “*achamento*”, numa ampliação de sentidos, de forma a que se possa falar, na atualidade, de “*descobrimento*” e “*achamento*”, de “*descobrimento*” e “*conquista*”, de “*descobrimento*” e “*redescobrimento*”. Do “*descobrimento*” ao “*redescobrimento*”, dinamizam-se conceitos, mobilizam-se crenças, possibilitam-se a reorganização e a reconquista do espaço social histórico de um povo, de uma cultura em formação.

A “*esquadra cabralina*” navega pelos mares e pelo tempo, ao encontro do “*Brasil Quinhentos*”, composta por suas “*caravelas*”, “*navios de velas latinas dos séculos XV e XVI, rápidas e de pequena tonelagem*” (Houaiss, 1995). Nelas, Cabral marca seu tempo; com elas, conquista o espaço; por elas, torna-se o “*herói do descobrimento*”, dialogando com a história, resgatando o seu universo de conhecimento, fazendo-se lembrar na história do mundo. Eis o princípio básico da parassinonímia.



Na “globalização” da História Universal, recupera-se a “*Carta de Caminha*”. Nela, aparece a constatação do *encontro* das raças, delineando o espaço cultural dos povos, aportados no continente sul americano. Dos indígenas, reaviva-se a “*conquista*” da zona litorânea, a *Terra das Palmeiras*. Dos europeus, ratifica-se a supremacia da “*conquista*”. “*A aurora de uma nova era..*” (Época, 24/04/2000: 510) relembra “*os integrantes da frota que avistaram o cume de um “monte mui alto e redondo”*” (Id., *Ibid.*) e retoma o eixo da história no “*redescobrimento*”. Entra-se no “*tunel do tempo*” dos quinhentos anos para rememorar a “*primeira manhã do país*” (Id., *Ibid.*).

Assim é que “... *os navios comandados por Cabral avistaram um monte..*” (Id., *Ibid.*), termo relacionado à “*montanha*”, “*terra alta maior que monte*” (Houaiss, 1995). “*Montanha*” e “*monte*” marcam-se, preliminarmente, no plano da parassinonímia lingüística, diferenciam-se pelo estado de grandeza, numa mesma área de conhecimento. Na gradação sinonímica de “...*serra, cordilheira, montanha...*”, demarcam-se os valores culturais dos povos que aqui se encontraram. Ampliam-se as relações de sentido que, produtivamente, revelam a visão de mundo dos homens de Cabral, no “*terra à vista*”; a dos nativos que “*vislumbraram o que lhes pareceu ser grandes montanhas flutuantes*” (Época, 24/04/2000: 510) - “*caravelas*” tornam-se “*montanhas flutuantes*”.

Tratar da parassinonímia é partir do princípio de que toda relação de sentidos conduz a uma mobilização do plano do significado para abrir os espaços da discursividade. É ampliar relações decorrentes de uma rede de acontecimentos que emana da consciência. É mobilizar traços significativos do léxico temático de áreas do saber nas zonas de sentidos, conforme recortes das realidades de mundo, das crenças, das ideologias culturais. A significação resulta da relação entre unidades vocabulares, em que seja possível ser estável, estável no uso, circunstanciável no discurso.

No plano conceptual da parassinonímia, a representação do universo cultural dá-se pelo uso que se faz da língua e é através dela que os sujeitos reais interagem no tempo e no espaço, de acordo com o funcionamento social e histórico. As situações circunstanciadas integram-se nos processos de produção de sentidos, sabendo-se que é no grupo social que a voz do sujeito se faz presente e é nos enunciados formativos do saber que o sujeito constrói seu discurso, concretizando-se como indivíduo participante, interagindo com o universo de conhecimento.

## 2.2. O grau de similaridade entre conteúdos de unidades lexicais na instância discursiva

As designações lexicais são compreendidas como recortes dados em pontos de uma escala do contínuo sêmico: um postulado que explicita o fato de as lexis constituírem-se como formas lingüísticas que facultam a remissão a porções de conhecimentos de mundo, podendo-se, por isso, compreendê-las como formas de fragmentos de mundos, empregadas pelos seus usuários para dizer e compreender mundos por eles signifeitos. Essa concepção de recortes garante a possibilidade de reconstrução do contínuo por relações de implicaturas, de sorte que um dado recorte tanto mantém relações de significação com aquele que o precede quanto com aquele que o sucede: “*governo*” implica “*governante*” e “*governado*”, categorias de papéis sociais lexicalizadas por “*governar*” que, em sendo uma designação de modos de proceder no



mundo, implica tanto o “autoritarismo” quanto a “democracia”: modos de proceder que se tipificam pela contrariedade, visto que não se pode ser autoritário e democrático, ao mesmo tempo, para se poder garantir a “governabilidade”.... Assim sendo, entende-se que o grau de similaridade entre conteúdos de unidades e/ou expressões lexicais não se restringe apenas ao vocabulário e/ou expressões vocabulares, de sorte que os estudos que tratam da analogia e das paráfrases, sejam estas lingüísticas ou discursivas, têm por ancoragem esse mesmo princípio. Postula-se que, no campo dos estudos textuais discursivos, as relações de similaridade colocam-se como condição necessária, para garantir a progressão semântica da referência tematizada em toda extensão textual, isto é, como um princípio básico para a construção da coerência textual; a contrariedade e/ou a contraditoriedade colocam-se como condição necessária, para garantir o espaço da negociação de novos sentidos, sempre abarcando a reconstrução dos significados: sentidos sedimentados pelo uso. Dentro desse quadro, tornou-se necessário retomar esses princípios por outros estudos que não aqueles circunscritos a uma visão unidisciplinar do fenômeno lingüístico, visto que o propósito era estendê-los para além da dimensão da palavra e/ou da frase. O primeiro lugar, delimitado para tal investigação, foi aquele proposto pela teoria do conhecimento, visto que essa disciplina compreende a similaridade, o contrário e o contraditório como condição necessária para a ação e/ou para o discurso; logo, como um dado inerente à própria condição humana. Assim, os homens são concebidos como “seres” que, ao mesmo tempo, tornam-se singulares e plurais, ao procederem no mundo na/pela linguagem, de modo que em toda e qualquer ação ou discurso humano, emana o duplo aspecto da igualdade e da diferença. A igualdade explica-se mediante o fato de que os homens, se não fossem iguais, não poderiam compreender-se e nem tampouco compreender seus antepassados; se não fossem diferentes, eles não necessitariam de práticas sociais discursivas para se fazerem entender e nem tampouco para projetarem seus mundos possíveis. Há de entender-se, portanto, que o discurso é ação pela qual os homens distinguem-se uns dos outros e, ao mesmo tempo, identificam-se uns com os outros, em suas respectivas manifestações de linguagem, partilhando tudo o que experienciam, tudo o que vivem (Arendet, 1999). Esta singularidade plural e esta pluralidade singular marcam-se na língua pelo contínuo dinamizar de suas formas léxico-gramaticais, de modo a objetivizar esses processos que revelam, pela voz de um, a voz de todos. As vozes de todos estão condensadas nos conteúdos das formas vocabulares que, registradas em dicionários, oferecem a quaisquer usuários as matrizes de significados, de sentidos cristalizados, pelas quais aqueles que se integram um dado grupo e/ou comunidade lingüística compreendem e interpretam os mundos. A monofonia dessas vozes está nos textos em curso = nos discursos, expandidas por predicções e condensadas por essas mesmas formas vocabulares, oferecendo-se como espaço de construção do individual pelo social. Essa construção explica-se por uma complexidade de processos pelos quais o homem torna linear o que é alinear, objetivizando suas representações, os mundos por ele significados, isto é, textualiza em língua o que construiu pela linguagem. A textualização é, pois, o ato de investimento lingüístico pelo qual o texto-processo se faz texto-produto, implicando necessariamente o uso efetivo das formas léxico-gramaticais. Nessa acepção, entende-se que, por um lado, o vocabulário de uma dada língua se explica por um conjunto de designações, cujos conteúdos condensam várias e/ou múltiplas predicções que, por um





lado, apresentam diferentes graus de similaridade entre si, quanto aos significados que organizam e/ou estruturam seus conteúdos, por outro lado, esses mesmos significados também apresentam diferentes graus de distanciamentos entre si. Tais similaridades, contrariedades e contraditoriedades possibilitam ao usuário de uma dada língua selecionar de seu léxico ativo e/ou passivo, designações vocabulares, de modo a empregar umas pelas outras e/ou umas em oposição a outras, em suas atividades de interações comunicativas, de modo a revelar para aqueles com quem interage, sentidos que se aproximam e se distanciam dos significados que ambos atribuem aos mundos por eles representados, enquanto usuários de uma mesma língua e, por conseguinte, construtores de uma dada história, de uma dada cultura e de dados valores. A ancoragem para tratar desses processos de negociação, visando à transformação do velho pela instituição de novos/outros valores é dada por movimentos de produção que implicam um conjunto de estratégias que podem ser observadas no espaço do conteúdo das designações vocabulares, quando confrontadas as definições do dicionário com aquelas atualizadas em um dado texto, isto é, produzidas por um produtor-autor. É nesse espaço que se constata uma contínua ressemantização dos conteúdos vocabulares, explicados por estratégias de seleção, relevo, gradação e flexibilidade.

### 2.3. Aspectos da parassinonímia do *conceptus* <<amor>> no *Soneto 4* de Camões

Como, ao analisarmos um texto, estamos diante de uma mensagem codificada através de lexemas, devemos abordá-lo de dentro para fora, pois a codificação se processa no nível do lexema. Isto ocorre na escolha das estruturas paradigmáticas mais convenientes e na estruturação sintagmática mais adequada, considerados o tema e as intenções de comunicação do autor. Por esse motivo é que a decodificação deve ser igualmente realizada no nível do mesmo lexema. É por isso que afirmamos com Ferreira (1995) que a lingüística e particularmente a lexemática (por estudar o cerzido estrutural do texto) estão diretamente ligadas à hermenêutica do texto.

De duas palavras ditas sinônimas, uma tem qualidades que a outra não tem, de sorte que as condições de emprego não são as mesmas em se tratando de uma ou de outra (Marouzeau, 1969: 108-9). Como a definição de uma palavra é a resultante de um conjunto de características, cada palavra tem a sua área de emprego, mas estas áreas não são justaponeáveis, elas comportam toda espécie de interferências, de cavalgamentos, com exclusões e coincidências; a sinonímia é freqüentemente real, mas limitada e sujeita a condições (Id., *Ibid.* ).

Ulmann (1964) reconhece que a sinomímia se torna um assunto complicado na linguagem usual, pela imprecisão, pela ambigüidade, pelas tonalidades múltiplas das palavras e apresenta uma tentativa de síntese da proposta de W. E. Collinson sobre as diferenças típicas entre sinônimos:

1<sup>a</sup>- a distinção é uma diferença objetiva, um termo é mais geral que o outro e comumente substitui esse outro, p. ex.: *animal, gato*;

2<sup>a</sup>- a distinção é relativa à intensidade, podendo abranger significados objetivos e emotivos, p. ex.: *gritar, berrar*;

3<sup>a</sup>- a distinção é de teor emotivo, p. ex.: *rejeitar, declinar*, ( que pode ser reunida à quarta), ou de teor avaliativo (aprovação/censura), p. ex.: *abandonar, deixar*;



4ª - a distinção são diferenças relativas aos valores evocativos.

Embora as características distintivas enumeradas nos dicionários existam em estado latente na consciência dos falantes, em cada situação e para cada contexto/cotexto uma palavra ou expressão pode mostrar um conjunto de características, das quais uma aparece em primeiro plano e relegando, provisoriamente, as outras à sombra. Note-se que o traço fundamental posto em evidência só pode ser determinado pela vizinhança, a “entourage”, no discurso.

Reconhecida a complexidade das relações estabelecidas na linguagem, podemos compreender a série sinonímica instaurada por Camões no *soneto 4* ( ...-81 ) em que *amor* tem por sinônimos as palavras *fogo*, *ferida*, *contentamento* e *dor*; as expressões *um não querer*, *solitário andar*, *um não contentar-se*, *cuidar que se ganha*, *querer estar preso*, *servir a quem vence* e *ter (...)* *lealdade*.

Daí ser aconselhável, em cada caso, trabalharmos uma só diferença para cada par de palavras ou expressões, aquela que o contexto/cotexto põe em evidência. No caso de Camões, essa diferença pode ser identificada com *apossar-se*, *apoderar-se*, *absorver*, *consumir*, distinguindo-se a sinonímia do sistema (*amor*, *estima*, *afeto*) daquela observada no discurso poético em questão.

#### 2.4. Reflexões sobre o papel da parassinonímia na pedagogia do léxico

As tarefas urgentes que se impõem à Lexicologia, à Lexicografia, e à Terminologia exigem um olhar crítico com relação à questão do ensino do léxico, e neste, ao papel da parassinonímia. A parassinonímia (ou quase sinonímia) é a identidade parcial de dois ou mais lexemas que se reconhecem pela possibilidade que têm de se substituírem apenas em certos contextos, ou seja, não têm distribuições exatamente equivalentes, pois não são comutáveis em todos os contextos, por exemplo, os lexemas *cordeiro* e *borrego*. Na frase bíblica *Cordeiro de Deus* só pode ser usado o primeiro.

A importância das metalinguagens terminológicas na sociedade atual aponta para a ampliação do saber e do saber-fazer do indivíduo sobre determinada ciência e tecnologia e ao mesmo tempo sobre o mundo que o rodeia. Nessas condições, é preciso, primeiro, ensinar que existe um equilíbrio entre a língua geral e a linguagens especializadas e que da sua aprendizagem depende a posterior utilização do conhecimento adquirido na comunicação.

Partindo do pressuposto de que as metalinguagens técnico-científicas são construídas a partir da língua comum, seria preciso ensinar uma língua de especialidade seguindo esse princípio, tentando enriquecer o vocabulário do aprendiz através dos mecanismos de substituição automática dos vocábulos de um universo de discurso para outro. Para conseguir atingir esses objetivos, como a ampliação da competência lexical do sujeito, é necessário, por um lado, que ele adquira um número razoável de estruturas parassinonímicas pertencentes a universos de discurso diferentes, para que possa dominar unidades lexicais mais atualizadas e na hora de selecioná-las o faça corretamente dependendo do contexto onde sejam utilizadas e, por outro, desenvolva os mecanismos pertinentes para a automatização dessas unidades, o que poderia ser obtido através da passagem de elementos do vocabulário passivo para o ativo (Barbosa: 1997)..



É importante que o sistema de remissivas nos dicionários especializados, da mesma forma que os dicionários de língua geral um termo remeta a outro para ampliar a informação sobre seu conceito e especifique as relações de significado que mantém com outras formas ou conceitos do mesmo campo.

Só poderemos construir o saber e o saber-fazer específicos de determinada ciência se retroalimentarmos nossa própria visão do mundo e se formos capazes de assimilar a sua metalinguagem técnico-científico.

**RESUMO:** *Este trabalho analisa as estruturas e funções da parassinonímia, na língua comum e nas linguagens de especialidade, em nível de sistema, de norma(s) e de discurso manifestado, enfatizando o papel importante que aquela relação de significação desempenha no processo de ensino/aprendizagem do léxico.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ensino do léxico; Parassinonímia; Língua comum; Linguagens de especialidade.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDET, A. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Perspectivas e tarefas do trabalho terminológico: ensino da metalinguagem técnico-científica. *Revista Brasileira de Lingüística*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 23-42, 1997.
- Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta Semiótica et Lingüística*, São Paulo, v. 7, p. 25-44, 1998. .
- Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações. *Revista Brasileira de Lingüística*, São Paulo, v. 10, p. 29-52, 1999.
- BUENO, E. A Aurora de uma Nova Era Nasce com o Brasil. *Revista Época*, Rio de Janeiro, p. 51, 24/04/00.
- CAMÕES, Luís de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.
- FERREIRA, João de Freitas. Da fraseologia In: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*, João Pessoa, v. 2, 1995.
- HOUAISS, Antônio, KOOGAN. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*, Rio de Janeiro: Edições Delta, 1995.
- MAROUZEAU, Jean. *Précis de stylistique française*. Paris: Masson, 1969.
- ULMANN, Stephen. *Semantics*. Oxford: Blackwell, 1964.